

Na polissemia do amor (ou figuras do secretário do alienado)

Marcus André Vieira*

Puc-RJ

Resenha da tese de Doutorado de Nuria Malajovich: “Inventar o amor: um desafio na clínica das psicoses”

Núria Malajovitch, em sua tese, aborda o amor nas psicoses em uma perspectiva que recusa decididamente qualquer redução do sujeito em prol da estrutura. Prescindindo do tradicional recurso à teoria lacaniana da psicose com base na noção de falha (no simbólico), que comporta invariavelmente algum grau de déficit, suposto ao psicótico, ela se serve da transferência como “fio condutor para que se resgate uma certa continuidade entre neurose e psicose” (p. 167).

Dessa forma, o texto se liberta de uma “leitura neurótico-centrista” (p. 90) de Lacan, termo que deve ser entendido aqui pelo seu avesso, isto é, como ressaltando a tendência do lacanismo em definir a psicose a partir da neurose, como tudo aquilo que não pertence ao campo desta última.

Núria impede, assim, decididamente que a teoria lacaniana da foraclusão seja tomada pelo furor mecanicista que muitas vezes credits ao mecanismo o real da psicose. O texto vai sendo construído no sentido contrário daquilo que a doxa lacaniana tem tendido a promover: o mecanismo no lugar da causa: “Ele é isso, ou tem isso, por causa da foraclusão”.

Desessencializando-se a estrutura, evitando-se seu uso como categoria transcendental, destaca-se o jogo dialético entre o estrutural e o transferencial (p. 62). Neste sentido, a importância da distinção diagnóstica se apresentará naquilo que se refere ao manejo da transferência e não como um divisor de águas unicamente ordenador, caso em que incorreríamos no risco do estabelecimento de uma taxonomia gratuita ou de mestre (p. 70).

Para tanto é preciso que nos desembaracemos do pressuposto cartesiano segundo o qual toda a paixão é da alma enquanto que todo padecimento orgânico é do corpo-máquina. Esta dicotomia, quando reproduzida em nosso campo configura-se como a oposição entre alma/paixão de um lado e corpo/loucura de outro e pode produzir o equívoco de se postular uma partilha radical entre o amor, apanágio da neurose, e o gozo, emblemático da psicose. Apesar disto, pelo seu grande papel norteador, esta oposição só pode ser descartada se apurarmos com Lacan ferramentas equivalentes no plano clínico-pragmático. É o que realiza Nuria quanto

à esfera da transferência no âmbito clínico cotidiano, articulada aqui tanto em um plano conceitual quanto político, donde o interesse essencial da tese.

A fórmula 'amor morto' proposta por Lacan para definir o amor na psicose é retomada, assim, de forma a resgatar uma certa ambigüidade, ou melhor uma polissemia essencial do amor. Na distância entre amor mortificado e amor mortífero, plena de variações ressonâncias faz-se jus àquilo que o próprio Lacan já havia estabelecido e que impede a partilha absoluta entre amor e gozo.

Seguindo, assim, a continuidade embutida na proposta, após situar a cisão estrutural da neurose entre desejo e amor, Nuria se perguntará se não poderíamos pensar algum tipo de amor na psicose mesmo que não este. Pergunta-se: "Amar é tornar-se necessariamente um outro faltante?" (p. 169). Neste sentido, o amor morto será considerado e trabalhado tanto na vertente do gozo quanto na da amizade.

De forma análoga, a dualidade entre sujeito e Outro, ou sujeito (do desejo) e gozo (do Outro) fica descartada. Ressalta-se que "barrar o gozo", como costumamos dizer para designar a condução do tratamento com um psicótico, é uma metáfora muitas vezes perigosa. Por supor um sujeito e um Outro prévios, é válida na paranóia. É bem menos operativa na esquizofrenia, em que se trata mais de constituir um Outro para, dessa forma, localizar um gozo onipresente.

A premissa fálica (no caso do neurótico), que supõe um Pai morto tendo levado consigo o segredo do gozo absoluto, realiza essa localização do gozo. Ele estará sempre em falta com relação ao gozo paterno, mas permitirá que, nele localizado, junto a seu representante (o pai da realidade) possa ser buscado e aprendido ao menos em parte através do amor. Dessa maneira é estabelecida a ambigüidade neurótica fundamental do amor, constituindo o desejo como algo entre gozo e amizade.

Se, como assinala a autora, o essencial da problemática do amor nas psicoses parece repousar na questão da localização do gozo, proponho que pensemos essa localização como aquilo que permite o regaste de uma certa ambigüidade essencial entre amor e gozo. Sugiro que se acrescente, assim, um terceiro termo conceitual à série formulada pela autora: gozo (no ar, onipresente), gozo localizado (gozo sexual), amor.

A questão seria então: é possível um amor/gozo sem o falo? Se o Gozo é do Um, o Amor é do Dois. Como se passa de um para outro (sem o falo)?

A resposta de Nuria é uma aposta na possibilidade de uma filia que ao modo grego se aproximaria mais de uma mediação geral das relações que submeteria o gozo à regras universais sem no entanto localizá-lo sexualmente. A filia anuncia-se assim como um tipo especial de amor sem o falo (mas não sem o gozo).

Será preciso, no entanto, uma delimitação precisa do lugar do analista. Ele poderá ser retomado a partir de uma visão menos estrutural e mais continuísta, apresentado no espaço transferencial dentro de um certo pas de deux necessário que constitua a estrutura da filia reguladora. Elimina-se assim qualquer impressão de que o secretário do alienado seria apenas um arquivista ou copista (cf. Laurent), estando mais no lugar de um secretário-dançarino no sentido nietzschiano.

Além disso, reduzida a ênfase estruturalista, ressalta-se a operação analítica como um processo que visa constituir uma localização subjetiva (ou seja, um Outro

furado, o que é distinto de um Outro da falta) a partir de um "Outro radicalmente outro absoluto e sem furo" p. 103.

A valorização da vertente processual tem, no entanto, também seu preço. Ela nos conduz a deixar ao analisante toda possibilidade de produção, de resultado do processo tornando o analista um acompanhante, ou de um "secretário-aprendiz". Esta expectativa de que o sujeito invente sua solução poderia nos conduzir a uma concepção por demais criacionista (perigos bem destacados por Miller em "A invenção psicótica", Opção lacaniana, 36 2000). A argumentação de Nuria não se constrói, entretanto, sobre essa idéia: "o manejo consiste em detectar um ponto de abertura no delírio de onde seja possível manobrar" (p. 168) – há sempre alguma localização de gozo, alguma extração de objeto, algum sujeito, um "estilo de transferir" (p. 35). Nada disso rimaria com um secretário-aprendiz.

Descarta-se mais ainda a fascinação paralítica de um analista aprendiz no momento em que se situa a importância do endereçamento, como faz Nuria. "Defendemos a idéia de que o delírio como tentativa de cura só pode ser considerado um sucesso se sua produção tiver um endereçamento" (p. 168). Este, poderá ser verificado a partir do modo como o sujeito fará para "inventar um Outro" (o que se vê claramente na erotomania, p. 68). É preciso "Resposta, confirmação de recebimento", é preciso um destinatário (p. 49, 168) do delírio senão não há estabilização (tal como quando, p. 48, Schreber propõe a Flechsig que confirme a veracidade de sua exposição" p. 165).

Isso, porém, recoloca a questão: certo, mas como se constitui este endereçamento? Precisamos fugir da cilada do endereçamento naturalizado. Ele não ocorre apenas porque o sujeito consente em falar a um analista. Creio que a vertente criacionista deve assim ser contrabalançada com a idéia de Miller de bricolagem (que articula tanto a criação quanto os materiais preexistentes). Não me parece possível sair deste impasse sem delimitar, desta forma, a função do objeto ou, em outros termos, do produto do processo transferencial, realizado a partir do que já lá estava, antes mesmo do analista. Afinal, o delírio é uma produção textual que pode ou não ser "publicada", endereçada a um analista ou ao mundo.

A proposta de invenção de uma amizade de transferência (p. 163) pela barragem de gozo se desenha então como localização do objeto por uma invenção. O analista talvez seja como um goleiro que agarra uma bola (objeto) chutada a esmo. Isso constituiria um endereçamento que a princípio não seria um. Neste sentido, não seria a Filia mais um efeito da produção de um endereçamento?

Finalmente, é preciso ressaltar como estas questões clínicas se articulam diretamente por Nuria em seus aspectos políticos. A decisão de conceituar o amor na loucura o demonstra. Ele corresponde a fazer com que ele seja, antes de mais nada, considerado. Não é à toa que o amor institucional (p. 164) será tema de discussão, ou a ênfase no delírio como um trabalho conjunto (p. 169). Mesmo dentro de sua orientação do caso-a-caso a ética do analista pode se materializar em uma política que, na realidade, é a mesma em ação na sua clínica. É preciso que, entre outras coisas, haja psicanálise para que se "produza a falta a ser, que se produza o sujeito como diferença absoluta". Isso é o laço psicanalítico na medida em que pode ser definido como aquele que dá lugar a um sujeito (como falha absoluta) no plano do discurso. É preciso apenas cuidar para buscá-lo em seu lugar: de falha de um discurso pessoal e não de um discurso coletivo, de uma instituição ou sistema. Para lidar com elas não é preciso uma clínica, basta excluí-las, por exemplo. Impossível considerar um discurso pessoal, uma fala articulada sem abordá-la igualmente no plano do passional. É o que faz Nuria.

É vital que a falha onde mora o sujeito da psicanálise seja situada na fronteira do clínico e do político. Ali reside o analista: não como um produtor de cidadania, apenas como mais um personagem da cidade. Uma de suas atribuições fundamentais, no entanto, talvez seja a de manter-se depositário da “transmissão da solução psicótica” (p. 173). Nesses nossos tempos em que somos cobertos com uma chuva de objetos de consumo, a fabricação de um saber-fazer com pedaços de real arrancados do Outro do gozo, que constitui essa solução ressalta ainda mais preciosa.

* Psicanalista, Professor Adjunto do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica Puc-RJ. Rua Almirante Salgado, 377 CEP 22240-170. Laranjeiras. Email: mav@litura.com.br